UMA ANÁLISE DE *A SANTA JOANA DOS MATADOUROS*, DE BERTOLT BRECHT, A PARTIR DO CONCEITO DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE PIERRE BOURDIEU

Octávio Henrique Chames dos Santos[1]
Flávia Falleiros[2]

Resumo: Propomos uma análise de *A Santa Joana dos Matadouros* (2009), de Bertolt Brecht (1898-1956), partindo do conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu (1930-2002) e demonstrando como esse tipo de violência é utilizada pelos magnatas da carne, em especial pelo antagonista, Pedro Paulo Bocarra, para justificar suas ações contra a classe trabalhadora como representada no drama brechtiano. Para a discussão sucinta da ideia de violência simbólica, recorremos às considerações de Bourdieu no ensaio "A codificação" (2004) e nos livros *Meditações pascalianas* (2001) e *A dominação masculina* (2020). Para fundamentar a aplicação desse conceito extraliterário à peça de Brecht, recapitulamos as considerações da crítica brechtiana sobre o teatro épico e seu diálogo profundo com as estruturas sociais que o cercam. Por fim, analisamos algumas passagens de *A Santa Joana dos Matadouros* que, a nosso ver, figuram violência simbólica dos capitalistas contra os trabalhadores.
Palavras-chave: *A Santa Joana dos Matadouros*; Bertolt Brecht; Pierre Bourdieu; Violência simbólica.

Abstract: We propose an analysis of Bertolt Brecht's (1898-1956) *A Santa Joana dos Matadouros* (2009) through Pierre Bourdieu's (1930-2002) concept of "symbolic violence", demonstrating how this type of violence is utilized by the meat tycoons, specially by the antagonist, Pedro Paulo Bocarra, to justify their actions against the working class as represented in the brechtian drama. To briefly discuss the idea of symbolic violence, we resort to Bourdieu's words on the essay "A codificação" (2004) and on the books *Meditações pascalianas* (2001) and *A dominação masculina* (2020). To substantiate the application of this extraliterary concept to Brecht's play, we review the considerations of the brechtian critics about the epic theater and its deep dialogue with the social structures around it. Lastly, we analyze some excerpts from *A Santa Joana dos Matadouros* which, in our perspective, figure the capitalists' symbolic violence against the working class.
KEYWORDS: *A Santa Joana dos Matadouros*; Bertolt Brecht; Pierre Bourdieu; Symbolic violence.

1 Mestrando em Letras pela UNESP/IBILCE. Bolsista de Mestrado do CNPq. E-mail: octaviohenrique994@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

2 Professora da UNESP, atuando no ensino de graduação e pós-graduação, na área de Teoria literária. E-mail: flavia.falleiros@unesp.br.

Recebido em 19 de janeiro de 2021 – Aceito em 22 de maio de 2021

INTRODUÇÃO

Em *A Santa Joana dos Matadouros* (2009), peça originalmente escrita entre 1929-1931 pelo dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956), figura-se o conflito entre Pedro Paulo Bocarra e Joana. Em síntese, Pedro Paulo Bocarra é um magnata da carne ligado a especuladores nacionais e internacionais e vale-se de sua condição como grande patrão e desses laços com os especuladores para tomar uma série de decisões administrativas que acabam por desempregar milhares de funcionários (seus e de outros empresários da carne), o que, por sua vez, faz seu caminho e o de Joana se cruzarem, pois ela sofre os efeitos das decisões do magnata especulador na medida em que os funcionários demitidos pedem ajuda à organização religiosa cristã na qual ela atua. Joana, inclusive, toma parte das manifestações e da greve geral dos trabalhadores contra as consequências da especulação de Bocarra, mas, tal como eles, acaba vitimada quando os industriais recorrem às forças policiais para reprimir, duramente, esse movimento. O término, inclusive, não poderia ser mais simbólico: a imagem de Joana é sequestrada pelos mesmos grandes industriais a cujas ações ela se opôs, e os trabalhadores remanescentes da dura repressão continuam tendo de se submeter às condições de trabalho insalubres impostas pelos grandes vencedores do conflito, Pedro Paulo Bocarra e seus colegas magnatas da carne.

Nessa peça, portanto, Brecht apresenta uma visão crítica dos mecanismos pelos quais o capitalismo se perpetua como sistema econômico mundialmente hegemônico, abordando questões como a especulação financeira (figurada em especial por Bocarra, "O Rei dos Frigoríficos", e pelos outros magnatas da carne), suas consequências deletérias para a classe trabalhadora e o papel das organizações religiosas (no caso de *A Santa Joana dos Matadouros*, os Boinas Pretas, grupo ao qual Joana pertence no início da ação dramática) no processo de desengajamento político dos trabalhadores. Este último, inclusive, é apontado pela estudiosa brechtiana Iná Camargo Costa, com base nos escritos do próprio dramaturgo sobre *A Santa Joana dos Matadouros*, como a tese que a peça busca demonstrar:

> *Santa Joana* foi escrita para ilustrar como a organização religiosa intervém na luta de classes para esvaziá-la. Essa é a tese, segundo o que Brecht escreveu nas notas sobre esta peça. O comportamento da personagem Joana ilustra a função das organizações religiosas – no plural – na luta de classes. Sua função de esvaziar a luta foi consciente e politicamente estabelecida desde fins do século XIX. (COSTA, 2010, p. 229).

Longe de ser uma exceção na obra brechtiana, a presença de temas políticos diretamente relacionados à situação da classe trabalhadora no sistema capitalista é reconhecida pela crítica como um traço fundamental e distintivo do chamado "teatro épico" de Brecht em relação ao drama tradicional como proposto pelo filósofo grego Aristóteles e mesmo quando comparado a outros tipos de "teatro épico", como explica Iná Camargo Costa em "Sobre a atualidade de Brecht no seu centenário": "[...] o teatro épico, tal como formulado por Brecht, tem como pressuposto a luta de classe e, nela, expressa os interesses políticos e estéticos dos trabalhadores numa forma que recusa ponto por ponto os requisitos formais

do drama" (COSTA, 1998, p. 164). Nesse sentido, *A Santa Joana dos Matadouros* pode ser entendida como uma peça politizada e politizante em um teatro profundamente político, levando-nos a vislumbrar a possibilidade de abordar essa obra a partir de um conceito que descreve um fenômeno recorrente nas sociedades regidas pelo mesmo capitalismo que Brecht busca desconstruir. Tal conceito é a violência simbólica, de Pierre Bourdieu.

O sociólogo, antropólogo e filósofo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) é amplamente reconhecido por abordar os mais diversos temas em suas obras, todos de relevância política inegável. O pensador propõe-se ao estudo profundo - e, assim como a dramaturgia brechtiana, politicamente engajado - de questões que vão da arte à imprensa, da educação escolar à construção e perpetuação de crenças em grupos sociais. Um exemplo da profundidade e do engajamento político inerentes ao pensamento de Bourdieu está em *A dominação masculina* [1998]/(2020), obra na qual busca não apenas desvelar as estruturas sociais em que se assenta a dominação das mulheres pelos homens, mas também alertar para como essas estruturas acabam sendo naturalizadas inclusive pelos que elas oprimem, os "dominados" (em oposição aos "dominantes", uma dicotomia fundamental nas análises do sociólogo), e para a necessidade de se quebrar no campo das ideias essa naturalização, passando a entender essas estruturas como historicamente construídas e, portanto, passíveis de modificações.

Apesar de não ser tratado diretamente em todas as obras de Bourdieu, um dos conceitos mais importantes para a compreensão de seu pensamento é, inegavelmente, o de violência simbólica, o qual, inclusive, é o sustentáculo da análise empreendida em *A dominação masculina*, no sentido de o sociólogo procurar mostrar como esse tipo de violência sustenta e é sustentada pelos mecanismos de perpetuação da dominação masculina sobre as mulheres em diversos modelos de sociedade. O fato de o sociólogo francês constantemente retomar o conceito de violência simbólica em suas obras (algumas das quais citaremos posteriormente de modo a delimitá-lo com mais precisão) para auxiliar no entendimento da relação entre esse tipo de violência e as estruturas de dominação social permite interpretar que, para o autor, não é possível entender as relações de poder entre os grupos sociais "dominantes" e os "dominados" e a própria perpetuação da violência contra estes, em especial no que se convencionou chamar de "sociedade ocidental" (regida economicamente pelo capitalismo), passando ao largo da dimensão simbólica da violência. Curiosamente, porém, apesar de aplicar outro conceito muito importante seu, o de dominação simbólica - aliás, intimamente relacionado à violência simbólica, como se pode notar em *A dominação masculina* – à análise de textos literários em *As regras da arte* (1992), Bourdieu não chega a produzir qualquer obra em que se dedique direta e especificamente à análise da presença de violência simbólica na literatura, seja para procurar demonstrar como esse tipo de escritos pode auxiliar a perpetuar ou a desmistificar visões de mundo simbolicamente violentas contra determinados setores da sociedade, seja para elucidar, por meio da relação entre personagens em uma determinada obra ou por como certas personagens descrevem algum grupo social, como a violência simbólica funciona.

Nossa proposta, nesse sentido, é valer-nos desse conceito de Bourdieu e propor uma análise de *A Santa Joana dos Matadouros* tomando a violência simbólica como um elemento vital para se compreender como os "dominantes" – neste caso, os magnatas da carne, em

especial Pedro Paulo Bocarra – constroem o discurso por meio do qual justificam todo o tratamento que dispensam aos "dominados" – a classe trabalhadora –, inclusive o massacre em um dos atos finais. Dividiremos nossa análise em três etapas: primeiro, apresentaremos sucintamente o conceito de violência simbólica conforme elaborado por Bourdieu em algumas de suas obras. Em segundo lugar, justificaremos sua aplicação a essa peça (afinal, trata-se da apropriação de um conceito extraliterário em um trabalho de crítica literária) retomando as considerações da crítica sobre as especificadas do teatro épico de Brecht. Por fim, estabelecidas as premissas fundantes de nossa análise, procuraremos mostrar como determinados trechos, a nosso ver, colocam em cena a violência simbólica de Bocarra e de outros megacapitalistas contra os trabalhadores.

BOURDIEU E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Dada a presença do conceito de violência em diferentes estágios do pensamento de Pierre Bourdieu, cremos ser mais funcional, para a análise que buscamos empreender, apresentar sucintamente sua definição a partir de obras em que são abordados os aspectos aos quais nos ateremos. Dentro da vasta obra do sociólogo francês, recorremos a três escritos que, a nosso ver, servem para elucidar esse conceito satisfatoriamente.

Em ordem cronológica, começamos por "A codificação", um dos ensaios do livro *Coisas ditas* [1987]/(2004). Nesse texto, o sociólogo francês evidencia a relação entre a violência simbólica e a criação e perpetuação de códigos que visam à manutenção da ordem nas sociedades (por exemplo, códigos jurídicos, linguísticos e consuetudinários). Segundo Bourdieu:

> A violência simbólica, cuja realização por excelência certamente é o direito, é uma violência que se exerce, se assim podemos dizer, *segundo as formas*, dando forma. Dar forma significa dar a uma ação ou a um discursos a forma que é reconhecida, conveniente, legítima, aprovada, vale dizer, uma forma tal que pode ser produzida publicamente, diante de todos, uma vontade ou uma prática que, apresentada de outro modo, seria inaceitável. (BOURDIEU, 2004, p. 106, grifo do autor).

Pode-se perceber, pois, que Bourdieu não classifica a violência simbólica como um tipo mais brando de violência. Aliás, ao contrário, o sociólogo frisa nesse trecho que o elemento de diferenciação entre a violência simbólica e a não-simbólica é formal: a violência simbólica intenta tornar palatável perante o público um tipo de brutalidade que, se avaliada friamente, continua sendo tão inaceitável quanto se ocorresse por uma via não-simbólica de violência. Em outros termos, há sempre uma aura de legitimidade em torno da qual uma ação simbolicamente violenta busca estar envolta, o que nem sempre procede nos casos de violência explícita.

Já em *Meditações pascalianas* (tal como *A dominação masculina*, um dos últimos livros publicados pelo pensador em vida), Bourdieu [1997]/(2001) traz para o debate outras duas dimensões muito importantes da violência simbólica: o seu caráter coercitivo e o fato

de os dominados acabarem forçados, sutilmente, a adotar as categorias de pensamento dos dominantes para descrever e refletir sobre si, sobre o mundo a seu redor e sobre os grupos que o compõem. Mais uma vez, o sociólogo chama a atenção para como a ideia da naturalidade das estruturas de dominação é vital para a compreensão desse conceito:

> *A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação) quando dispõe apenas, para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação*; ou então, em outros termos, quando os esquemas por ele empregados no intuito de se perceber e de se apreciar, ou para perceber ou apreciar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.) constituem o produto da incorporação das classificações assim naturalizadas, cujo produto é seu ser social. (BOURDIEU, 2001, p. 206-207, grifo nosso).

Vale notar também que, em *Meditações pascalianas*, Bourdieu (2001) associa a violência simbólica mais diretamente à política, utilizando-se do conceito para analisar em especial os meios de controle dos cidadãos pelo Estado. Esse caráter político da violência simbólica será lembrado, igualmente, no último texto ao qual fazemos referência, o já citado *A dominação masculina*. As considerações de Bourdieu [1998]/(2020) nesse livro servem-nos para reforçar o terceiro traço desse tipo de violência, isto é, a sua sutileza, ou, nos termos adotados pelo pensador, seu caráter "suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento" (BOURDIEU, 2020, p. 12).

Em suma, dentre as diversas características atribuídas por Bourdieu à violência simbólica ao longo de sua extensa obra, pretendemos concentrar-nos, em nossa análise de *A Santa Joana dos Matadouros*, em três: a violência simbólica é palatável, coercitiva e sutil. Isto significa que todos os momentos desse drama brechtiano aqui examinados apresentam esses três traços de violência simbólica ao mesmo tempo, o que não nos permite adentrar, por exemplo, no massacre dos trabalhadores no frigorífico, pois, nesse caso, não há exatamente violência simbólica, mas explícita. A nosso ver, entretanto, tal como Pierre Bourdieu frisa que ações simbolicamente violentas precedem e justificam violências explícitas, os trechos analisados servem ao mesmo tempo como prenúncio e como justificação ideológica da "solução final" adotada por Bocarra e pelos outros megacapitalistas contra a revolta dos trabalhadores.

Sendo, porém, o conceito de violência simbólica puramente extraliterário, no sentido de Bourdieu não tê-lo elaborado com vistas à análise literária, mas das diversas comunidades humanas (em especial de sua própria sociedade), devemos ainda explicitar nossas bases teóricas para nos valermos de um conceito eminentemente sociológico para tecer considerações críticas sobre uma obra literária. Para isso, passamos a traçar breves considerações

sobre a natureza da própria produção literária de Bertolt Brecht, ou, mais especificamente, do "teatro épico brechtiano" no qual *A Santa Joana dos Matadouros* se insere.

AS ESPECIFICIDADES DO TEATRO ÉPICO DE BERTOLT BRECHT

Em *Teoria do drama moderno*, o crítico húngaro Peter Szondi descreve o teatro épico brechtiano como ao mesmo tempo pedagógico e científico nos termos de como trata o seu objeto (SZONDI, 2001, p. 139). Quer em *A Santa Joana dos Matadouros*, quer nas outras peças do dramaturgo alemão, esse objeto, no entanto, não é mais, como no teatro tradicional (baseado nas normas aristotélicas) ou mesmo no teatro moderno que o precedeu (representado por autores como o dinamarquês Henrik Ibsen), as relações interpessoais individuais isoladas de seu contexto social mais amplo. Na verdade, como exposto por Anatol Rosenfeld em "O teatro épico de Brecht" (ROSENFELD, 1985), não se pode pensar as interações entre as personagens de Brecht tomando-as como simples indivíduos autônomos cujas ações só repercutem em um contexto mais imediato. Ao contrário, Rosenfeld destaca, para além das questões puramente formais que opõem a produção do dramaturgo alemão ao teatro aristotélico,

> [...] primeiro, o desejo de não apresentar apenas relações inter-humanas individuais – objetivo essencial do drama rigoroso e da "peça bem feita" –, mas também as determinantes sociais dessas relações. [...] A segunda razão liga-se ao intuito didático do teatro brechtiano, à intenção de apresentar um "palco científico" capaz de esclarecer o público sobre a sociedade e a necessidade de transformá-la; capaz ao mesmo tempo de ativar o público, de nele suscitar a ação transformadora. (ROSENFELD, 1985, p. 147-148).

Em outras palavras, em suas peças, Bertolt Brecht procura apresentar ao público teatral uma visão mais ampla da sociedade que o cerca e, ao mesmo tempo, promover o engajamento desse público na luta por mudanças sociais mais expressivas. Para isso, outro aspecto muito importante no teatro épico brechtiano é a sua concepção do homem e, principalmente, de suas possibilidades no mundo. Como explica Rosenfeld (1985, p. 150), o dramaturgo alemão não expõe o homem como uma "natureza humana" definitiva, mas como ser capaz de transformar o mundo assim como a si próprio. Ou seja, ainda segundo Rosenfeld (1985), Brecht opõe-se à concepção fatalista de mundo da tragédia clássica, pois, enquanto estas apresentam as desgraças humanas como eternas e imutáveis, o autor de *A Santa Joana dos Matadouros* mostra-as históricas e superáveis, mutáveis. Em suma, como explica Iná Camargo Costa (1998, p. 164) ao debater a atualidade de Brecht em seu centenário, "[...] o teatro épico, tal como formulado por Brecht, tem como pressuposto a luta de classes e, nela, expressa os interesses políticos e estéticos dos trabalhadores numa forma que recusa ponto por ponto os requisitos formais do drama".

Não se deve pensar, entretanto, que a combinação de marxismo com didatismo de Brecht implique uma visão de mundo reducionista ou de alguma maneira autoritária em

suas obras. Na verdade, em outro ensaio seu sobre o dramaturgo alemão, Iná Camargo Costa faz questão de frisar que não se trata de "um teatro de palavras de ordem", mas de "um teatro de desafio à sua inteligência, às suas emoções, às suas categorias de percepção do mundo", posto que, de saída, Brecht exige, "ao invés de sentimentalmente se identificar ao personagem, olhar de maneira crítica para o modo como esse personagem se comporta, desde percebê-lo individualmente até as situações que o determinam, que têm graus variáveis de complexidade" (COSTA, 2010, p. 228). Aliás, é exatamente por essa necessidade de um exame crítico minucioso das ações e dos discursos das personagens que Iná Camargo Costa, Anatol Rosenfeld e Peter Szondi frisam a importância do chamado "efeito de distanciamento" (*Verfremdungseffekt*) onipresente no teatro épico brechtiano, no sentido de permitir ao público reconhecer que essas ações e discursos são apenas uma entre tantas possibilidades disponíveis para as personagens. Nos termos de Rosenfeld (1985, p. 172), "essencial é que o público tenha clara noção de que os mesmos personagens poderiam ter agido de outra forma. Pois o homem, embora condicionado pela situação, é capaz também de transformá-la. Não é só vítima da história; é também propulsor dela".

Dado, então, o caráter politizado e politizante do teatro brechtiano, torna-se, a nosso ver, coerente ao menos a tentativa de aplicar a teoria da violência simbólica de Bourdieu à interpretação de uma obra literária como *A Santa Joana dos Matadouros*, assim como a outras peças do mesmo autor, apesar de a publicação desses textos teatrais ser décadas anterior às elucubrações teóricas do sociólogo francês. Afinal, as perspectivas de Brecht e de Bourdieu cruzam-se no sentido de ambos, cada um a seu modo, procurarem desvelar mecanismos de dominação e de enfatizarem seu caráter histórico, portanto mutável pela ação política. Sendo a violência simbólica, dentro do pensamento de Bourdieu, ao mesmo tempo um desses mecanismos e o sustentáculo de tantos outros deles, imaginá-la presente na obra de Brecht de uma ou mais formas parece uma hipótese razoavelmente plausível de trabalho.

Além disso, a escolha por analisar especificamente *A Santa Joana dos Matadouros* dentro do conjunto da obra de Bertolt Brecht justifica-se porque, como nota Roberto Schwarz em "Altos e baixos da atualidade de Brecht", "em tudo o que diz respeito à vida do capital", essa peça "brilha incrivelmente", pois "o nosso próprio universo, da Lua ao patrimônio genético, no momento tende a ser cotado em Bolsa" (SCHWARZ, 1999, p. 136), ou seja, as instâncias de violência simbólica nessa obra estariam intrinsecamente ligadas à manutenção da ordem capitalista, na qual o acúmulo de capital é o valor a ser perseguido. Em outras palavras, *A Santa Joana dos Matadouros* seria, retomando Szondi (2001) e Costa (2010), uma obra exemplar do caráter ao mesmo tempo pedagógico e científico, mas nunca reducionista, do teatro épico brechtiano, posto que, como se verá adiante, as práticas de violência simbólica analisadas – as dos magnatas da carne, em especial Bocarra, contra os trabalhadores – não foram predefinidas por forças maiores das quais mesmo seus perpetradores seriam reféns, mas escolhas deles próprios em prol dessa manutenção da ordem capitalista e dos benefícios que obtêm com ela.

ALGUMAS MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EM A *SANTA JOANA DOS MATADOUROS*

Em seu texto de apresentação de *A Santa Joana dos Matadouros* para o público brasileiro, Roberto Schwarz afirma que o assunto dessa peça é "a crise do capitalismo, cujo ciclo de prosperidade, superprodução, desemprego, quebras e nova concentração de capital determina as estações do entrecho" (SCHWARZ, 1987, p. 88). Isso significa que, desde o início, essa peça brechtiana só poderá ser entendida com mais precisão indo para além da simples análise de conflitos dramáticos individualizados entre as personagens, ou seja, deve-se tentar entender também os interesses defendidos por cada uma delas, em especial os de Pedro Paulo Bocarra e dos outros magnatas da carne, quando agem como agem e, principalmente, quando discursam como discursam. Em suma, como sustenta Iná Camargo Costa, "não se trata, como muita gente pensa, de jogar fora os assuntos da esfera dramática. Trata-se de *analisar com os recursos da percepção épica e materialista aquilo que acontece na esfera privada*" (COSTA, 2010, p. 222, grifo nosso).

Nesse sentido, uma proposta de análise de episódios de violência simbólica em *A Santa Joana dos Matadouros* torna-se ainda mais coerente, pois, como explicitado por toda a obra de Bourdieu, analisar a violência simbólica, em especial em discursos, implica exatamente entender as estruturas de dominação reforçadas por eles. A nosso ver, a escolha mais óbvia para esse tipo de estudo seria o exame dos discursos dos Boinas Pretas (incluindo o de Joana quando ainda uma membro ativo e convicto dessa organização) ao longo da peça, pois, relembra Iná Camargo Costa com base em notas do próprio Brecht, "*Santa Joana* foi escrita para ilustrar como a organização religiosa intervém na luta de classes para esvaziá-la" e "o comportamento da personagem Joana ilustra a função das organizações religiosas – no plural – na luta de classes. Sua função de esvaziar a luta foi consciente e politicamente estabelecida desde fins do século XIX" (COSTA, 2010, p. 229).

No entanto, optamos por concentrar-nos em um momento específico da peça em que Joana como representante dos Boinas Pretas discursa e age, mas cujo eixo de sentido não é o discurso religioso. Trata-se dos atos III e IV (lembrando sempre que, ao total, essa peça conta com 12 atos, em mais uma ruptura radical com os parâmetros do teatro clássico com seus cinco atos), quando Joana e Bocarra interagem pela primeira vez (ato III), ensejando a primeira ida dela ao matadouro do Rei dos Frigoríficos (ato IV). A nosso ver, durante esses atos, ocorrem episódios de violência simbólica que não apenas mostram padrões dessa prática (no sentido de serem moldes de discursos que irão se repetir com alguma constância em atos posteriores) em *A Santa Joana dos Matadouros*, mas também servem como prenúncios e, na visão dos magnatas da carne, justificações morais para o massacre contra os trabalhadores ao final da ação dramática.

Para começar, chamamos a atenção para o momento do terceiro ato em que a conversa de Bocarra com os outros magnatas da carne é interrompida pela chegada de Joana, naquele momento acompanhada de Marta, outra membro dos Boinas Pretas, com o Rei dos Frigoríficos sendo avisado disso por um dos "detetives" (isto é, um de seus seguranças privados). Há, então, a seguinte interação: "O detetive – Mister Bocarra, tem um pessoal aí querendo

lhe falar. / Bocarra – Um populacho esfarrapado, não é? Com cara invejosa, não é? Inclinados à violência, hem? Diga que não estou" (BRECHT, 2009, p. 43).

Antes de saber do pertencimento de Joana e Marta aos Boinas Pretas, Bocarra supõe serem elas trabalhadoras comuns, rotulando-as, por essa sua suposta condição, como esfarrapadas (ou seja, ao mesmo tempo pobres e desprovidas de asseio), invejosas e violentas. Esse é, então, o primeiro momento em que o antagonista revela sua visão sobre seus próprios subordinados e sobre a classe trabalhadora como um todo. Aparentemente, trata-se de uma opinião bastante preconceituosa, mas, por si só, ainda não suficiente para pressupor um desejo por parte do Rei dos Frigoríficos e de seus aliados de praticar algum tipo de violência higienista contra os mais pobres. No entanto, quando colocamos essa fala em conjunto com tantas outras, cujo fito também aparenta ser, em uma leitura mais rasa, "apenas" destilar preconceito contra os trabalhadores, percebemos como já nesse momento há indícios que nos podem levar a imaginar essa futura violência explícita. Afinal, é bem mais fácil justificar uma arbitrariedade contra os esfarrapados, os invejosos e os violentos quando se consegue convencer uma determinada sociedade de que essas pessoas não estão assim por causa das condições sociais, mas que, na verdade, são assim porque assim sempre foram, tornando-as indignas dos direitos humanos mais fundamentais, inclusive à vida, em especial quando se rebelam.

Pouco depois, ainda nessa mesma conversa, Bocarra traz mais um qualificativo depreciativo a seus próprios trabalhadores, continuando em sua tentativa de desmerecer seus problemas e, ao mesmo tempo, colocá-los como os culpados por eles. Ao explicar a Joana os motivos para ter fechado o frigorífico, ele fala em "gente ruim e vulgar" e a adverte para a necessidade de ignorá-los por completo: "Não é extraordinário que eu tenha largado mão / De um grande negócio, só porque é sangrento? / [...] estou sabendo e reconheço que para/ Alguns foi um desastre, ficaram sem trabalho / Eu sei. Infelizmente foi inevitável. / Mas é gente ruim e vulgar / Aliás o melhor é ignorá-los [...]" (BRECHT, 2009, p. 47). Novamente, Bocarra apela à ideia de "natureza humana definitiva" a qual, como lembra Rosenfeld (1985), é rejeitada por Brecht: não se trata de pessoas em condição socialmente fragilizada que, na luta pela sobrevivência, submetem-se a privações e a humilhações; elas, na verdade, são ruins e vulgares, não merecendo, pois, qualquer esforço a seu favor. Sutilmente (pois, aparentemente, ainda se trata de uma visão de mundo torta, mas não necessariamente higienista), o Rei dos Frigoríficos desumaniza seus oponentes no conflito de classes de modo a desencorajar Joana de apoiá-los de alguma maneira.

Logo em seguida, o antagonista faz um de seus movimentos discursivos mais simbolicamente violentos porque, dentro da economia da peça, mais sutis: ao mesmo tempo em que seu discurso contra os pobres vai-se tornando mais brutal, ele tenta inverter a situação, voltando a chamá-los de "gente ruim" e acusando-os de "carniceiros". Bocarra, porém, novamente reveste sua brutalidade com ares de opinião torta, ao dizer que os pobres são uma "questão mal colocada": "Essa questão dos pobres está mal colocada. / É gente ruim. O ser humano não me comove/ *Eles não são inocentes, são carniceiros eles também*" (BRECHT, 2009, p. 48, grifo nosso). Nesse momento, caberia a indagação cuja resposta acaba sendo mostrada afirmativa ao final da peça: para Bocarra, se "eles" são carniceiros, contra "eles" tudo é permitido?

O Rei dos Frigoríficos ainda se vale, no ato III, de seu próprio ramo de atuação para, mais uma vez, desumanizar a classe trabalhadora. No entanto, não se pode sequer dizer que se trate de "animalização" dos trabalhadores, pois, segundo Bocarra, enquanto os bois o comovem, o ser humano, não. Ou seja, é, na verdade, o rebaixamento do ser humano a uma condição inferior à dos animais. Evidentemente, poder-se-ia dizer que, nesse caso, ele pratica violência simbólica inclusive contra seus colegas magnatas, mas há de se notar uma diferença: enquanto Bocarra pratica a repressão policial contra os trabalhadores, limita-se a tentar derrotar seus colegas magnatas pelas regras da especulação financeira, e, ainda que se possa alegar a prática de violência simbólica contra eles em algum momento (o que já seria um equívoco, pois não seria um conflito entre dominantes e dominados, mas entre dominantes), haveria uma diferença de grau notável a ser considerada nessa suposta violência. De qualquer forma, se Bocarra coloca os trabalhadores um patamar abaixo dos animais e se, apesar de se dizer comovido pelos bois, tolera matá-los em prol da aquisição de capital, não é difícil imaginar as violências que ele toleraria contra a classe trabalhadora, em especial se ela fizesse oposição franca a seus desmandos. Mais uma vez, é a violência simbólica como prenúncio da violência explícita final.

Por fim, chamamos a atenção para o final do ato III e para a íntegra do ato IV no que se refere à ida de Joana ao matadouro de Bocarra. Para convencê-la em definitivo da falta de humanidade inerente aos trabalhadores, Bocarra pede a seu corretor, Slift, para levá-la ao matadouro, cujos empregados, no final do ato III, o corretor rotula como "a escória do mundo" (BRECHT, 2009, p. 50). Mais uma vez, pelo discurso, um representante dos grandes capitalistas especuladores tenta inculcar na soldado dos Boinas Pretas as categorias de percepção dos dominantes (os megacapitalistas) sobre os dominados (os pobres trabalhadores).

No ato IV, então, após submeter algumas personagens secundárias a situações extremas para as quais a saída mais factível seria abdicar da própria dignidade, Slift não consegue convencer Joana da tese de Bocarra (tanto que é a partir desse momento que o processo de tomada de consciência política da protagonista começa), mas mostra algo muito mais significativo. Ao longo desse ato, percebemos como os próprios pobres, quer os trabalhadores, quer quem depende deles, estão convencidos de serem uma espécie de "raça inferior" cujo destino é suportar todo tipo de violência simbólica e explícita em nome da sobrevivência. Mesmo quando estoura a guerra da carne, a qual termina em banho de sangue contra os trabalhadores, estes não negam o discurso que os violenta simbolicamente. Ou seja, parafraseando Bourdieu, eles pensam sobre si próprios, sobre seus dominantes e sobre o mundo a partir das categorias de pensamento dos próprios dominantes, o que contribui para eles se desorganizarem politicamente e serem massacrados pelo Rei dos Frigoríficos e por seus colegas especuladores.

Demonstra-se, portanto, que, ainda que para o leitor contemporâneo os discursos violentos de Bocarra sejam inaceitáveis e até explicitamente, e não simbolicamente, violentos, para aquela sociedade figurada em *A Santa Joana dos Matadouros*, esses discursos coercitivos eram palatáveis e sutis, cumprindo os requisitos de Bourdieu e podendo ser entendidos, nesse sentido, como exemplos precisos do funcionamento da violência simbólica. Mais ainda: se considerarmos que esses procedimentos discursivos de Bocarra para a desumanização dos trabalhadores não se restringem aos atos III e IV, nem são exclusivamente usados

por ele ao longo da peça (tanto que até mesmo no último ato, após o massacre, os outros magnatas ecoam e reforçam várias falas do antagonista), veremos que, como queríamos demonstrar, não se trata de fatos isolados, mas de procedimentos de violência simbólica sistemáticos que vão construindo o ambiente propício para a catástrofe ao final da peça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, cremos ser possível concluir favoravelmente à possibilidade de uma análise de *A Santa Joana dos Matadouros* e de outras peças do teatro épico brechtiano a partir do conceito de violência simbólica. Afinal, como procuramos demonstrar, tanto Brecht como Bourdieu, por vias diferentes, buscam expor algumas das estratégias mais simultaneamente sutis, coercitivas e, de certa forma, palatáveis aos olhos de determinados setores da sociedade, pelas quais os dominantes tentam não apenas reafirmar e expandir seu poder sobre os dominados, mas também levá-los a legitimar as opressões sofridas. Em outras palavras, se, como afirma Iná Camargo Costa em "Teatro na luta de classes", "escrever ou encenar peças (ou roteiros de filmes, ou até mesmo romances) de acordo com as regras do drama corresponde a endossar as regras de funcionamento da sociedade burguesa (tanto as que o drama enuncia quanto as que ele esconde)" (COSTA, 2012, p. 15), o entrecruzamento do teatro épico de Brecht com as contribuições teóricas de Bourdieu parece ser uma forma bastante frutífera de desnudar e questionar essas regras sem, com isso, cair em esquemas simplistas ou reducionistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Trad. de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A codificação. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Trad. De Cássia R. Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 96-107.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*: a condição feminina e a violência simbólica. 17. ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRECHT, Bertolt. *A Santa Joana dos Matadouros*. Trad. de Roberto Schwarz. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

COSTA, Iná Camargo. Sobre a atualidade de Brecht no seu centenário. (Nota em homenagem a Brecht). *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.7, 1998, p. 163-167. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/nota13Nota3.pdf. Acesso em: 17 dez. 2020.

COSTA, Iná Camargo. Brecht e o teatro épico. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 15, n. 13, 2010, p. 214-233. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/64092/66799. Acesso em: 16 dez. 2020.

COSTA, Iná Camargo. Teatro na luta de classes. In: COSTA, Iná Camargo. *Nem uma lágrima*: teatro épico em perspectiva dialética. São Paulo: Expressão Popular/Nankin Editorial, 2012. p. 9-54.

ROSENFELD, Anatol. O teatro épico de Brecht. In: ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 145-174.

SCHWARZ, Roberto. A Santa Joana dos Matadouros. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? :* ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 87-105.

SCHWARZ, Roberto. Altos e baixos da atualidade de Brecht. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 113-148.

SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno*: 1880-1950. Trad. de Luís Sérgio Repa. São Paulo: Cosac Naify, 2001.